



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Entrevista com Aurora Bernardini sobre o Formalismo Russo

Interview with Aurora Bernardini on Russian Formalism

Autor: Valteir Vaz

Edição: RUS Vol. 11. Nº 16

Data: Setembro 2020

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.172616>



Entrevista com Aurora Bernardini sobre o Formalismo Russo

Valteir Vaz*

* Professor do Centro Universitário Fundação Santo André e da Escola Técnica Estadual
Jornalista Roberto Marinho.
Pós-doutorando do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; <https://orcid.org/0000-0002-9960-3332>; valvaz@usp.br

Por ocasião deste dossiê sobre o Formalismo Russo, a professora, tradutora e ensaísta Aurora Bernardini generosamente se dispôs a responder às perguntas temáticas que se seguem.

Aurora Bernardini foi professora de Língua e Literatura Russa na USP e atualmente se dedica à orientação de mestrado e doutorado em dois programas da FFLCH-USP: Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada e Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução. Conforme o leitor encontrará na entrevista, o contato de Aurora Bernardini com as teorias desenvolvidas pelos formalistas russos remonta a pelo menos ao ano de 1965, ocasião em saiu na França *Théorie de la Littérature*, a importante coletânea de textos de críticos formalistas russos, organizada e traduzida pelo búlgaro Tzvetan Todorov. Em seguida, ela participou de um curso de pós-graduação de Antonio Candido que relacionava Formalismo Russo e Estruturalismo. Além disso, o envolvimento da pesquisadora com o movimento crítico pode ser conferido na

sua dissertação de mestrado (*Materiais para o futurismo russo e italiano*), na sua tese de doutorado (*Poéticas do futurismo: russo e italiano*) e na sua pesquisa de livre-docência (*Indícios flutuantes em Marina Tsvetáieva*). Na pós-graduação, Aurora Bernardini ofereceu diversas disciplinas sobre a história, a teoria e a análise literária à feição formalista.

Em 1995, com o auxílio da bolsa BID-USP, Aurora Bernardini seguiu para os Estados Unidos onde visitou e frequentou aulas em diversos departamentos de língua, literatura e cultura russas daquele país. Foi também no âmbito desta bolsa que a pesquisadora realizou uma série de entrevistas com estudiosos de eslavística e críticos de renome, dentre os quais citarei apenas alguns: Victor Erlich (Universidade Yale), Morris Halle (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e Harold Bloom (Universidade de Yale).

Passemos então à entrevista.

RUS: Primeiramente, obrigado por aceitar contribuir com suas respostas ao dossiê **Formalismo Russo** que a RUS (Revista de Literatura e Cultura Russa) publicará no seu próximo número. A senhora poderia nos dizer quando e por que começou a se interessar pelo Formalismo?

Aurora Bernardini (AB): Desde 1965, quando era pós-graduada em Teoria Literária e Literatura Comparada e saiu o livro de Tzvetan Todorov, *Théorie de la Littérature*, contendo os textos dos Formalistas Russos (traduzido para o português, mais tarde, pela ed. Globo com o título de *Teoria da Literatura – Formalistas Russos*). Foi uma sensação no mundo inteiro. Participei, em seguida, de um curso de pós-graduação de Antonio Candido que relacionava Formalismo Russo e Estruturalismo.

RUS: Mais de um século se passou desde o surgimento do Formalismo Russo. Que tipo de contribuição a senhora acredita que o Formalismo ainda pode oferecer à moderna teoria literária?

AB: Ainda e cada vez mais, especialmente aqui, sua contribuição é importante: a análise interna é a que permite descobrir o que significa o texto, em suas instâncias mais secretas, descoberta que ainda deixa a desejar no vestibulando brasileiro. A análise externa liga esta análise também às séries filosófica, biográfica, histórica etc., ou seja, dentro da compreensão certa de Antonio Candido, as duas análises, conjugadas, ligam a estrutura à função (Cf. o ensaio de A. Candido "A literatura e a formação do homem" que eu li na Revista *Remate de Males*, 1999, mas que pode ser encontrado em outras publicações do autor).

RUS: Os formalistas desde muito cedo foram acusados de terem criado uma abordagem nova para analisar textos literários sem se importar com qualquer fundamentação epistemológica. Por outro há quem acredite que foi graças ao Formalismo Russo que a teoria da literatura tornou-se um campo autônomo e também um novo paradigma nas humanidades. Qual é sua posição a respeito destas duas declarações?

AB: Sem dúvida, junto com o aporte anglo-americano do *Close-reading* (proposta do *New Criticism*), a Estilística e as diferentes correntes de interpretação, a teoria da literatura tornou-se não apenas um campo autônomo, mas, realmente, como o viu, entre os mais recentes, Richard Rorty em seu último livro, *Philosophy as Cultural Politics: Philosophical Papers IV*, (no Brasil, reunindo os vários ensaios, chamou-se Filosofia como política cultural), a teoria literária tornou-se um dos mais importantes guias para entender a literatura, esta sim, com as múltiplas possibilidades de leitura que oferece, reerguida por ele a novo paradigma das humanidades.

RUS: Entre os membros do Formalismo Russo, a senhora tem preferência por algum?

AB: Sim, Iúri Tynianov e, particularmente, seu livro *O problema da palavra poética*. Foi traduzido do italiano pela editora Tempo Brasileiro, mas pode ser encontrado na Internet em diversos idiomas. Ele aborda, entre outras questões, o fator construtivo que se aproxima do conceito da “dominante” de Jakobson.

RUS: Na sua opinião, há algum conceito, noção, insight desenvolvidos no âmbito do formalismo russo que ainda são possíveis de serem (melhor) desenvolvidos?

AB: Tudo o que diz respeito à teoria da poesia cuja essência, hoje, está sendo mistificada... No que se refere à prosa há, como foi dito, achados de Viktor Chklóvski muito interessantes que podem ser aplicados e desenvolvidos.

Dos conceitos e insights que fazem com que o formalismo Russo seja particularmente atual, tratei em “Formalismo russo, uma revisão”, ensaio publicado na revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP *Literatura e sociedade* 5 (5), 30-42, 2000, à qual remeto o leitor.

RUS: Em 1992 a senhora realizou uma série de entrevistas com alguns acadêmicos que ensinavam em universidade dos Estados Unidos, cujos campos de atuação mantinham relação com o Formalismo Russo. Dentre eles me lembro de ter conversado com Victor Erlich, autor de uma das mais importantes obras sobre o Formalismo no ocidente. A senhora poderia nos sintetizar o diálogo com Erlich e, se preferir, com outras personalidades entrevistadas à época?

AB: Vou permitir-me referir aqui a entrevista que fiz com Victor Erlich, sobre ele e outros estudiosos de eslavística nos Estados Unidos, graças à bolsa que solicitei ao BID-USP, em 1990 e que foi publicada em 1995 na Revista da USP. Aqui estão os dados para o leitor interessado: Bernardini, A. (1995). Victor Erlich: Entrevista a Aurora Fornoni Bernardini. *Revista USP*, (24), 121-123.

RUS: Erlich, na sua autobiografia de 2009, *Child of turbulent century*, reconhece, ainda que indiretamente, que a influência de Roman Jakobson, seu coorientador de doutoramento na Columbia University, acabou por ofuscar o papel importante dos demais membros do Formalismo Russo, em particular Viktor Chklóvski. Você acredita que de fato isso tenha havido? Como você interpreta esta mea culpa de Erlich?

AB: Victor Chklóvski era – no dizer de Boris Schnaiderman – “um picareta genial”; Roman Jakobson, um grande scholar. Graças à vivacidade que o caracterizava, sabe-se hoje que V. Chklóvski foi o fundador da vertente peterburguesa de Estudos da Linguagem Poética (OPOIAZ), em 1917, que reunia os formalistas de São Petersburgo aos do Círculo Linguístico de Moscou, iniciado por Roman Jakobson. Provavelmente quando Erlich escreveu sua tese (*Russian Formalism*, publicada em 1955) ainda não era divulgado esse pioneirismo de Chklóvski.

RUS: Ainda sobre Chklóvski, parece que os modernos intérpretes do Formalismo Russo (Valérie Pozner, Catherine Depretto-Genty, Svetlana Boym, Alexandra Berlina entre outros) têm procurado promover Chklóvski a protagonista do movimento, um lugar que Jakobson parece ter ocupado por muito tempo. Um exemplo disso foi o seminário internacional em comemoração aos 100 anos do Formalismo, ocorrido em Moscou em 2013,

que considerou “A Ressureição da Palavra” (traduzido especialmente para este dossiê), de Chklóvski, de 1913 como o documento inaugural da escola. Qual sua posição a respeito desta “reconfiguração”?

AB: Chklóvski teve uma vida longa (1893-1984), sem grandes traumas (fora os descritos por ele, durante sua participação como voluntário na I Guerra Mundial), que poderiam ser-lhe criados pelo regime soviético, o que lhe permitiu escrever sem interrupções. Conforme disse, alguns achados dele são originais e frutíferos. Não era um scholar – com isso algumas de suas contribuições têm dados pouco confiáveis, e não conhecia outros idiomas a não ser o russo. Incorreu, nos livros dele, em uma série de contradições. O sucesso póstumo dele não deixa de ser objeto de um certo modismo.

RUS: Possivelmente uma das mais importantes contribuições de Chklóvski para a teoria literária do século XX tenha sido o conceito de estranhamento (остранение), o qual passou por sucessivas reformulações por parte de seu criador. Alexandra Berlina, em ensaio que também integrava este volume, propõe que passemos a utilizar noções como estranhamento intratextual e extratextual para melhor especificar o sentido em que estamos utilizando o conceito. Como a senhora entende este conceito e em que medida acredita que ele ainda é útil na interpretação de obras contemporâneas?

AB: O estranhamento sempre existiu, em qualquer cultura, como muito bem viu Carlo Ginzburg em *Olhos de Madeira - Nove Reflexões Sobre a Distância*, que foi traduzido para o nosso idioma. Entretanto, as sucessivas formulações e aplicações desse conceito, que Chklóvski e outros fizeram em diferentes contextos, são muito interessantes.

RUS: O termo neológico *остранение* tem desafiado tradutores em diversas línguas. Em português, por exemplo, fala-se de “estranhamento”, “desfamiliarização” e, mais recentemente, surgiu o impalatável “estranhalização”. Levando em consideração sua bagagem como tradutora de textos literários e teóricos russos, que solução tradutológica a senhora apresentaria a este termo em português?

AB: “Estranhamento” está bem. A compreensão do termo depende de sua “ampliação” em novos contextos.

RUS: Carol Any escreveu em seu livro *Boris Eikhenbaum: voices of a Russian Formalist*, de 1994, que a concepção que nós ocidentais temos da obra deste teórico é bastante incompleta. A senhora estaria de acordo com esta posição?

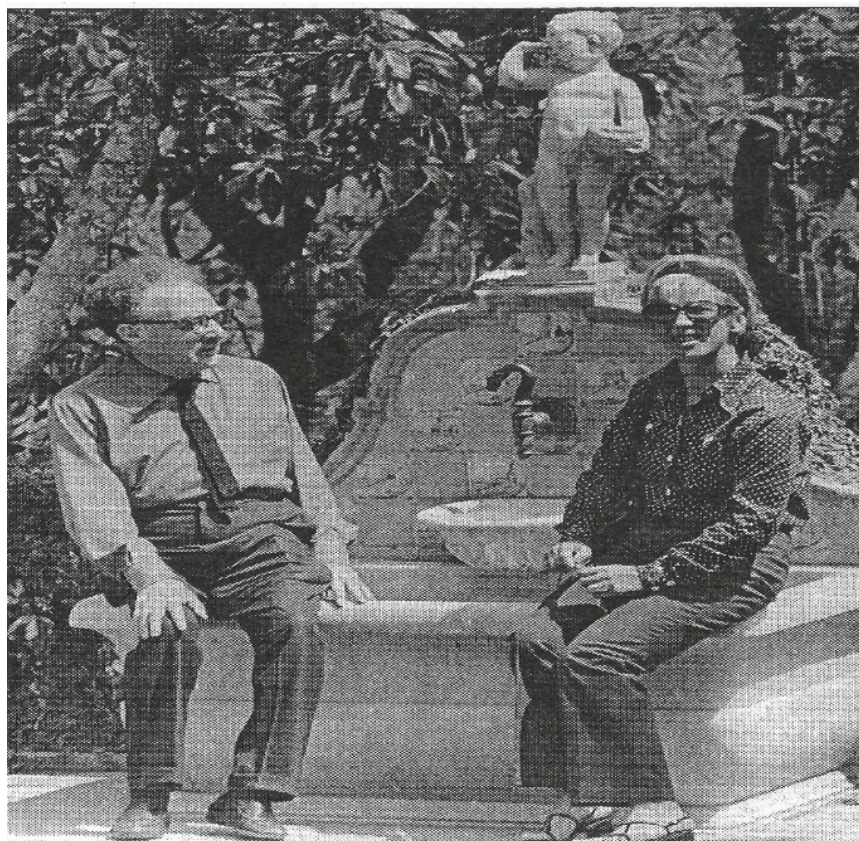
AB: Não só dele, magistral descobridor de “Como é feito o capote de Gógol”, mas da de Óssip Brik, Iúri Tyniánov, etc. É necessário pesquisar mais, após a reabertura de tantos arquivos

RUS: Sobre Iúri Tyniánov, um exímio pesquisador da história cultural russa, sabe-se que sua obra tem sido redescoberta por parte da crítica mais recente. A senhora mesma se valeu do frutífero conceito de “indícios flutuantes” na sua tese sobre a poesia de Marina Tsvetáieva. Leyla Perrone-Moisés, revisitando o conceito tynianoviano de “fato literário”, viu nele qualquer coisa que antecipava a perda da centralidade que a literatura vem sofrendo na cultura contemporânea. Em linhas gerais, qual sua avaliação da contribuição de Tyniánov para o Formalismo Russo?

AB: Marcante, em termos de análise da poesia e das séries literárias que, porém, abrem-se – em seus escritos – para outros campos. Além disso, o estudo dele sobre paródia e estilização em *Arcaístas e Inovadores*, de 1929 (sem tradução em português) continua sendo um texto seminal, junto com o estudo sobre a paródia que Giorgio Agamben realiza em seu livro *Profanação*. Tyniánov também, quanto ao “fato literário”, defendeu a tese recursiva: há correntes que correm e recorrem, na literatura também. Podem ser fenômeno de época, de gosto, de moda etc. Agora, quanto aos ataques à centralidade que a literatura vem sofrendo na época contemporânea, o tema foi desenvolvido brilhantemente por Alcir Pécora na revista *Sibila* de 06/02/2016, no ensaio intitulado “A Musa falida. A perda da centralidade da literatura na cultura globalizada”.

RUS: Em setembro de 1968, Jakobson desembarcou no Brasil para uma série de conferências. Seu itinerário começou em São Paulo, passou pelo Rio, Bahia e terminou no Distrito Federal. Sabe-se que a senhora assistiu a algumas dessas conferências em São Paulo. Poderia nos comentar suas lembranças deste encontro com um dos maiores linguistas do século XX?

AB: Gostaria de estender-me aqui sobre a análise que ele fez, em São Paulo, em 1968, numa das salas cedidas pelo SESC, próximas à rua Maria Antonia, a convite de Haroldo de Campos, quando deslumbrou a plateia com sua análise de “Ulisses” de Fernando Pessoa. Eu mesma perguntei a ele: “– Será que Pessoa tinha em mente todos esses procedimentos que o senhor apontou?” Ao que ele respondeu que se não eram conscientes ... eram subconscientes. Eu achei ótima a resposta. De qualquer maneira, sua análise foi reportada no livro *Linguística Poética e Cinema*, ao qual remeto o leitor, ressaltando que não há nenhum texto de Jakobson que não contenha alguma ideia original.



Roman Jakobson e Krystyna Pomorska no Brasil em setembro de 1968.

Foto do acervo de Stanislaw Pomorski

RUS: Outro encontro igualmente importante foi o que ocorreu em 1990 com o linguista russo Ivánov, que aqui esteve a convite do Departamento de Letras Orientais da USP. Viatchesláv Vsevolódovitch Ivánov foi um incansável divulgador da Formalismo Russo e da Semiótica Russa mundo afora. A senhora e o professor Noé Silva chegaram a traduzir dele “Dos diários de Serguei Eisenstein e outros ensaios”. Poderia nos apresentar suas recordações deste encontro?

AB: Por não ser muito facilmente encontrável a descrição das atividades de V. V. Ivánov em São Paulo, em 1990, tomo a liberdade de remeter o leitor ao artigo “A pesquisa em semiótica russa, na USP”, que publiquei no vol. 10, n. 13 (2019), desta revista (RUS), com o qual encerro a entrevista, agradecendo pela oportunidade.



Sentados V. V. Ivánov e sua esposa Svetlana.
De pé Aurora Bernardini.
Foto do arquivo pessoal de Aurora Bernardini

Recebido em: 20/07/2020

Aceito em: 25/08/2020

Publicado em setembro de 2020